

# Déficit das transações correntes foi o maior do real

Saldo negativo em 98, de US\$ 34,9 bilhões, equivale a 4,48% do Produto Interno bruto

SORAYA DE ALENCAR

**B**RASÍLIA - O Brasil fechou o ano de 1998 com um déficit de US\$ 34,9 bilhões nas transações correntes, resultado das operações comerciais e de serviços que o País faz com o exterior. O déficit equivale a 4,48% do Produto Interno Bruto (PIB) e significa o pior desempenho anual dessas contas desde o início do Plano Real. No fim de 97, o resultado ficou em US\$ 33,4 bilhões, ou 4,16% do PIB.

No acordo fechado com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o governo brasileiro indicou que, este ano, haverá uma melhoria das contas externas do País, pois previu que o déficit nas contas correntes será de 3,6% do PIB. É esperado um aumento das exportações a partir da desvalorização cambial feita na última semana, o que contribuirá para a redução do saldo negativo dessas contas.

O resultado do balanço de pagamentos do ano passado (além das transações correntes inclui os investimentos recebidos e os pagamentos de dívidas feitos pelo País) foi deficitário em US\$ 8,49 bilhões. Esse saldo negativo teve de ser coberto com dinheiro das reservas internacionais. Isso porque o resultado da conta de capital foi de US\$ 26,45 bilhões. Insuficientes, portanto, para cobrir o déficit de US\$ 33,4 bilhões das transações correntes.

Nessas contas, as despesas mais pesadas foram com os juros da dívida, que superaram US\$ 12 bilhões, uma diferença de US\$ 1,7 bilhões em relação aos totais em 1997. A balança comercial, por sua vez, apresentou melhora, saindo do déficit de US\$ 8,36 bilhões



em 1997 para US\$ 6,43 bilhões no ano passado.

Na avaliação do chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, o aumento no pagamento de juros foi decorrente da elevação dos encargos das captações externas ocorrida a partir da crise da Rússia. Ele ressaltou, ainda, que, no ano passado, houve um aumento da própria dívida. Ou seja, mais empresas brasileiras tiveram dinheiro emprestado lá fora, principalmente antes da crise.

Mesmo com a desvalorização do câmbio, na semana passada, Lopes acredita que não haverá interrupção dessas captações. Segundo ele, a maior parte das empresas que pegou recursos no exterior tinha feito hedge (proteção) dessas operações. Assim, frisou, "não há receio de voltar ao mercado externo".

**Remessas** - As remessas de lucros e dividendos também pesaram nas transações correntes e chegaram a US\$ 6,88 bilhões, diante de US\$ 5,59 bilhões do ano anterior. Para este ano, no entanto, o chefe do Depec prevê que es-

sas remessas serão menores porque, além de ter havido antecipação em 1998, haverá redução do nível de atividade. Ou seja, a recessão prevista para o País este ano deverá provocar um desempenho inferior das multinacionais instaladas no País.

As viagens feitas por brasileiros ao exterior provocaram uma saída líquida de US\$ 4,27 bilhões, pouco menos que os US\$ 4,37 bilhões de 1997. Os serviços diversos que consideram os gastos feitos por empresas na importação de bens de capital e renovação de parque industrial provocaram uma saída líquida de US\$ 2,55 bilhões. Nos capitais recebidos, os investimentos diretos totalizaram US\$ 26,1 bilhões, superando a estimativa de US\$ 20 bilhões feita por Lopes no início do ano passado.